Problematizações a partir de um diário de campo: sobre investigar autobiograficamente

Aline Nunes da Rosa
Universidade Federal de Goiás-UFG

Resumo: Este texto propõe-se a problematizar a prática de escrita de um diário de campo dentro dos processos investigativos iniciados no doutorado em Arte e Cultura Visual. Neste sentido, a produção do diário opera enquanto parte fundamental das descobertas e construções conceituais desenvolvidas no campo das artes visuais e da cultura visual. Para tanto o artigo divide-se em dois momentos: primeiramente discorre acerca da escrita e composição deste diário e das questões conceituais que emergem desta prática. Num segundo momento são tecidos apontamentos sobre a pesquisa narrativa enquanto possibilidade de refletir sobre as inserções do diário de campo, bem como enquanto perspectiva metodológica utilizada em minha pesquisa doutoral. As elaborações teóricas são realizadas com Martins e Tourinho (2009), Rifá (2010) e Van Manen (2003), dentre outros que contribuem para sua escrita.

Palavras-chave: pesquisa narrativa; diário de campo; relatos autobiográficos.

Sobre produzir um diário de campo

Desde meu ingresso no doutorado em Arte e Cultura Visual[1], em março de 2011, mais de um ano se passou e com ele muitas questões foram revistas, ampliadas, descartadas, deixadas em *stand by.* Questões de ordens as mais diversas: mudança de casa, de cidade, de estado; mudança de rotina, de trajetos percorridos, mudança de colegas e de espaços para transitar, pertencer, construir vínculos afetivos e profissionais. Logo, tais mudanças passaram também pelos interesses investigativos que até então me mobilizavam e, consequentemente levaram-me a pensar e descobrir outras questões e caminhos de pesquisa. E é sobre este percurso que me dedico a narrar neste texto.

Como forma de organizar tanto o pensamento quanto os acontecimentos que se passavam, dediquei-me à escrita de um diário de campo, para me acompanhar durante todo o ano de 2011. Além das questões referentes às disciplinas, seria ali também que acrescentaria elementos relacionados à pesquisa e ainda reflexões sobre os novos acontecimentos.

Os escritos e colagens inseridos no diário foram escolhidos partindo da ideia de compor um novo mapa, tendo como referência o que me afetou desde que passei

[1] Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Orientada pela Professora Doutora Alice Fátima Martins, a pesquisa conta com financiamento Capes.

a morar em Goiânia: lugares, passeios, sabores, ideias, conhecimentos e pessoas que partilharam os novos acontecimentos vivenciados, dotando de sentidos a minha permanência no novo território. Para Martins (2010: 22-23)

> O território visual onde as pessoas estão situadas – moram, freqüentam, etc. -, ou seja, o contexto das esferas das suas relações com o mundo as coloca num processo de construção de sentidos e significados, de práticas de interpretação.

Para tanto o local, o lugar em que nos situamos exerce influência direta naquilo que produzimos: projetos de vida, imagens, objetos, artefatos, ao passo que assinalamos (e somos assinalados por) crenças, gostos e (outros) modos de ser e pensar.

Foi neste ir e vir nas páginas do caderno que percebi a preponderância de aspectos relativos ao meu deslocamento territorial. Seja pelas repetidas vezes em que esta questão aparecia em alguns relatos, seja pelas imagens acrescidas ou pelos fragmentos literários e/ou musicais espalhados nas páginas. Ao reencontrar-me com o que fora escrito até então, percebi que o que mais mobilizava meus interesses investigativos era pensar sobre este deslocamento, pensar nos agenciamentos produzidos por esta condição de estar em trânsito, verificando a pertinência disto tudo em minha formação enquanto pesquisadora e enquanto professora. Interessa-me pensar os movimentos subjetivos que se dão a partir dos acontecimentos e eventos visuais[2] com os quais me relaciono, tomando como categoria de seleção e análise a questão do deslocamento territorial e, por sua vez, o diário tem auxiliado neste âmbito.

São inúmeros os conflitos que se interpõem neste momento de imersão em um novo território e, por isso mesmo, a manutenção de uma escrita autoral, via diário de campo é condição fundamental para conferir visibilidade a movimentos subjetivos, que podem ser pensados em termos de pesquisa acadêmica. Oliveira (2011, p. 184) ajuda-me a entender este movimento ao dizer que

> Toda a escrita é fendida, dobrada, ou seja, selecionamos o que vamos escrever, recortamos o que nos interessa. Silenciamos algumas passagens, potencializamos outras. No momento da escrita travamos uma conversa

[2] Conforme Illeris e Averdsen (2011), o conceito de evento visual inclui toda a situação de observação tal como ocorre na interação entre o observador, o fenômeno visual, o contexto de observação e o ato de olhar propriamente dito. Eventos visuais são sempre situados geográfica, histórica, social e culturalmente, implicando certa interação ou *posicionamento* entre o observador, o fenômeno observado, o contexto e o olhar.

> com o nosso interior, permitimo-nos apagar algumas passagens, acrescentar outras (...)

A produção do diário atua como um modo de forçar o pensamento a produzir conexões, operar com aquilo que nos traz prazer ou desassossego, de modo que a problematização construída até aqui está articulada às questões metodológicas que têm norteando a pesquisa ora desenvolvida. Por esta razão as reflexões que seguem procuram introduzir alguns apontamentos mais específicos acerca da investigação narrativa como peça fundamental no desenvolvimento e obtenção dos dados a serem explorados no trabalho.



Figura 1: imagem do diário de campo

Sobre um encontro com a pesquisa narrativa

Durante o percurso vivido e cartografado por meio dos apontamentos trazidos no diário, foi possível além de organizar partes da experiência vivida, perceber que esta prática estava conectada com uma perspectiva metodológica. Tal perspectiva trata-se da Investigação Narrativa, mais especificamente em seu enfoque autobiográfico.

Posto isso, creio que a pesquisa narrativa configura-se enquanto importante ferramenta em minha pesquisa, uma vez que

> a pesquisa narrativa se debruça sobre questões epistemológicas que possam ajudar a compreender e explicar como práticas culturais, sociais e visuais marcam a trajetória e a subjetividade dos indivíduos, seus modos de perceber, interpretar e narrar. Preocupa-se, ainda, com a compreensão de como essas práticas configuram ideias, conceitos e representações. (MARTINS e TOURINHO, 2009, p.1-2)

Neste sentido, o que busco conhecer por meio de narrativas autobiográficas (minhas e de outros colaboradores) vem a ser como os deslocamentos vivenciados afetam os modos de produzir-se, agenciando outras histórias, novas percepções, outros modos de compreender e ver o mundo. Não obstante, por considerar a potencialidade das trocas e das descobertas que podem provir do encontro com outras vozes é que dedico-me a buscar os relatos e experiências de outros sujeitos, dentro dos enfoques da investigação narrativa.

Contudo, é importante observar, conforme a perspectiva da pesquisa narrativa, que apesar de trazer à tona questões de cunho pessoais, a intenção não é promover um espaço catártico, terapêutico, por meio da construção e compartilhamento de relatos autobiográficos. Ao contrário disto, interesso-me por estas trocas justamente pela possibilidade de problematizá-las no tocante às estruturas que a configuram (em suas ordens culturais, sociais, educativas...).

As concepções de Van Manen (2003) corroboram com o exposto acima, quando este considera que tomar emprestada a experiência do outro contribui para a compreensão dos significados da experiência humana de modo mais profundo, potencializando, ainda que minimamente, o conhecimento do pesquisador acerca de si mesmo, sabendo que tal conhecimento está intimamente conectado e interfere diretamente na produção e análises do processo investigado e, consequentemente, da produção de conhecimento.

As presentes questões, no entanto, só ganham interesse investigativo uma vez que podem ser partilhadas e debatidas em termos dos agenciamentos promovidos no campo da arte e da cultura visual, e dos contextos de pesquisa, como forma de evocar novas narrativas a partir de minhas experiências vividas. Tais experienciações poderiam então ser pensadas como dispositivos que acionam produções e compartilhamentos de conhecimentos e saberes, de modo relacional, ponderando que “la narrativa expresa la dimensión emotiva de la experiencia, la complejidad, relaciones y singularidad de cada acción (...)” (BOLIVAR *et al,* 1998:12 *apud* Pardiñas, 2010, p.21).

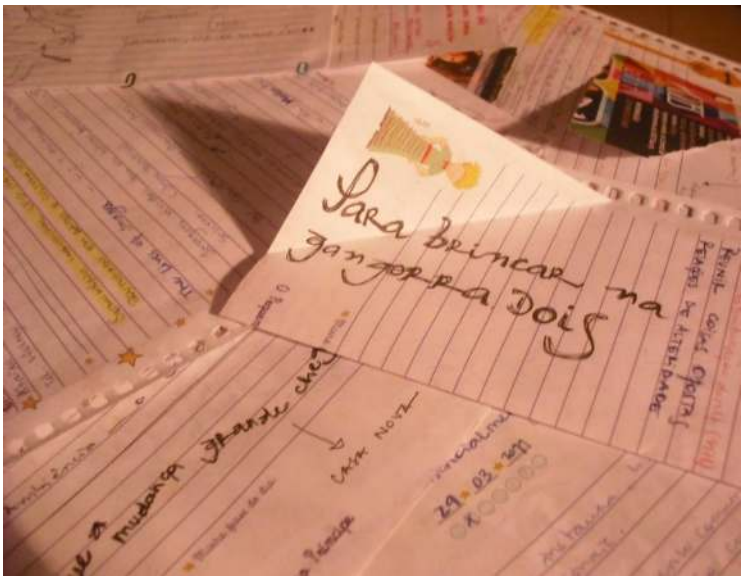

Figura 2: imagem do diário de campo

Ao assumir a perspectiva narrativa como abordagem metodológica penso no desafio em direção a não perder de vista o rigor exigido pela pesquisa acadêmica. Em contrapartida, não deixo de levar em consideração a necessidade de explorar formas diferenciadas de produzir conhecimento, buscando construir relações com as experiências de outros sujeitos, de modo a inventar outras maneiras de contar e investigar no campo da educação das artes visuais, da cultura visual e da formação docente. Algo que comece, ao menos educando a mim enquanto sujeito/professora/pesquisadora em deslocamento.

O diálogo promovido com as imagens trazidas no diário de campo e na pesquisa como um todo, também atuam como narrativas visuais, favorecendo neste caso o que Rifà (2010) comenta sobre

> La relación entre autobiografia y visualidad, puede ser productiva para la investigación y la formación del profesorado, ya que crea un espacio abierto para la experimentación y el ensayo. En síntesis, la escritura de relatos visuales autobiográficos posibilita la inscripción de la identidad y la diferencia en la educación artística, lo que modifica los procesos de investigación y desarrollo del currículum, mientras exploramos las oportunidades que nos proporcionan la representación, la crítica, la reflexividad y el diálogo. (p.46)



Figura 3: imagem do filme Por El Camino e imagem produzida para a pesquisa

Por ora, posso dizer que o trabalho que realizo nesta etapa da pesquisa tem se concentrado na construção de relatos pessoais (especialmente escritos e visuais), no aprofundamento teórico no tocante ao tema da pesquisa e a perspectiva narrativa, problematizando as experiências que promovem mudanças e acrescentam possibilidades de ser e entender a profissão docente ou o processo de pesquisar.

O ano de 2012 se espraia e com ele um novo lugar para congregar relatos, imagens, planejamentos, reflexões sobre o trabalho de pesquisar, que se desenvolve em meio às descobertas da cidade, dos laços que se estreitam com novos amigos e com outros referenciais teóricos. Deste modo percebo que tanto as questões epistemológicas quanto as questões metodológicas da investigação doutoral surgem por meio de tantas novas aprendizagens ou mesmo de saberes revisitados, que se entrecruzam com minhas narrativas, provocando o surgimento de caminhos inesperados para a pesquisa que se desdobra.

Referências

ILLERIS, Helene; AVERDSEN, Karsten**.** *Fenômenos e eventos visuais*: algumas reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual. 2011, no prelo.

MARTINS, Raimundo. Pensando com imagens para compreender criticamente a experiência visual. *In*: ASSIS, Henrique Lima; Rodrigues, Edvânia Braz Teixeira. *Educação das Artes Visuais na Perspectiva da Cultura Visual*: Conceituações, Problematizações e Experiências. Goiânia: 2010. pp. 19-38.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: *Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura - CEAC*. Santa Maria: 2009. pp. 1-12.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Por uma abordagem autobiográfica: diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs), *Educação da Cultura Visual – conceitos e contextos.* Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2011, p. 175-190.

PARDIÑAS, Maria Jesus Agra. Topografía crítica: el hacer docente y sus lugares. In*:* EÇA, Teresa Torres Pereira de; PARDIÑAS, Maria Jesus Agra; MARTÍNEZ, Cristina Trigo e PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Orgs.). *Desafios da educação Artística Ibero-America.* Porto, Portugal: APECV (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual), 2010. pp18-36.

POR EL CAMINO. Direção: Charly Braun. Produção: Charly Braun. Roteiro: Charly Braun. Intérpretes: Esteban Feune de Colombe, Jill Mulleady, Guilhermina Guinle, Gonzalo Torres. Lynxfilm e Waking Up Films. 2011,1 filme (85 minutos), son, color.

RIFÀ, Montserrat**.** Narrativas autobiográficas en la investigación educativa basada en las artes y en el currículum de formación del profesorado. In**:** EÇA, Teresa Torres Pereira de; PARDIÑAS, Maria Jesus Agra; MARTÍNEZ, Cristina Trigo e PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Orgs.). *Desafios da educação Artística Ibero-America.* Porto, Portugal: APECV (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual), 2010. pp36-48.

VAN MANEN, M. Investigar la experiência tal como la vivimos. In: *Investigación educativa y experiência vivida.* Barcelona: Idea Books, 2003, p. 71-92.